

A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EM UMA PERSPECTIVA MUNDIAL

Pedro Paulo A. Funari¹

A Arqueologia Histórica tem-se desenvolvido, nos últimos anos, de forma cada vez mais intensa e dinâmica. Nesta ocasião, retomarei reflexões tecidas há algum tempo, em fóruns no exterior e no Brasil e que resultaram na organização do volume, co-editado com Martin Hall e Siân Jones, *Historical Archaeology, Back from the edge* (Londres, Routledge, 1999). Em parte, minhas considerações retomam questões discutidas no capítulo “Introduction: Archaeology in History”, escrito a seis mãos, com Siân Jones e Martin Hall, mas incorpora, também, aspectos que tenho tratado em outras publicações, elencadas ao final deste *paper*.

Por isso mesmo, não apresentarei referências bibliográficas, encontradas nos trabalhos publicados e referidos ao final. Minha releitura da disciplina parte, portanto, da experiência compartilhada não apenas com os dois colegas, como com uma pletera de estudiosos que se têm questionado sobre a Arqueologia Histórica.

A Arqueologia das sociedades com escrita tem uma grande tradição na disciplina, em particular no estudo das grandes civilizações fundadoras do “Ocidente”, como as Arqueologias Clássica, Bíblica, Egípcia e Médio-Oriental. Contudo, o termo “Arqueologia Histórica” tem sido usado, em particular na América do Norte, para referir-se ao estudo de um período histórico específico, o moderno (*sensu anglico*, *i.e.* do século XV em diante), em geral nas Américas. O termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é usado na Europa e na Ásia, já que se entendem por históricas diversas arqueologias, como a Clássica e a Egípcia, para mencionar apenas duas delas.

¹ Departamento de História, IFCH-UNICAMP, C.Postal 6110, Campinas, 13081-970, SP, Brasil, pedrofunari@sti.com.br .

A Arqueologia Histórica como o estudo das sociedades com escrita incorpora, assim, tanto a disciplina homônima norte-americana, como as diversas disciplinas que lidam com sociedades com documentação escrita. Tem-se buscado mostrar que ela não é uma simples *ancilla*, serva ou auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas. Nas últimas duas décadas, preocupados com a análise da sociedade, os arqueólogos históricos têm, cada vez mais, focalizado sua atenção nos mecanismos de dominação e resistência e, em particular, nas características materiais do capitalismo.

A Arqueologia Histórica liga-se, de forma umbilical, às noções de identidade, tratando de sociedades, de uma forma ou de outra, relacionadas ao arqueólogo. Na Europa, a Arqueologia é encarada como o estudo de nossa própria civilização, sejam elas as grandes civilizações que formariam o legado ocidental, sejam as anteriores à escrita, mas ainda assim históricas, porque inseridas numa narrativa das fontes escritas, como é o caso, por exemplo, da Arqueologia dos celtas (ou de Hallstatt e La Tene). Nos Estados Unidos, a disjunção com a Pré-História estabelece, à sua maneira, essa ligação da Arqueologia Histórica com a sociedade americana, às expensas dos indígenas, encarados como o “outro”, o selvagem contraposto à “civilização”, como ressaltou Thomas Patterson.

As disjunções entre letrado/iletrado, mito/história, primitivo/civilizado têm sido, de forma crescente, criticadas por separarem elementos discursivos interligados, de forma a evitar, por exemplo, que sítios indígenas não sejam objeto da Arqueologia Histórica, mesmo se contemporâneos àqueles europeus. Outra dicotomia criticada tem sido aquela que divide o mundo moderno, dominado pelo capitalismo, dos períodos anteriores. Em primeiro lugar, porque grande parte das estruturas mentais e materiais modernas derivam e mantêm, ainda que de forma alterada, características de outras épocas e civilizações. O capitalismo moderno funda-se no feudalismo, até mesmo naquilo que tem de contrastivo, as estruturas sociais modernas construíram-se a partir de contextos medievais e antigos, tanto derivados do chamado ocidente, como do chamado oriente. Em segundo lugar, mesmo quando não haja ligações genéticas entre realidades modernas e as outras, a comparação entre situações pode fornecer elementos úteis para o conhecimento tanto da cultura material antiga, como moderna, tanto do Oriente, como do Ocidente, de qualquer maneira, criações discursivas, antes que realidades efetivamente separadas, como alerta Said.

Neste contexto, tem-se propugnado que a Arqueologia Histórica abranja seja o estudo do mundo moderno, seja de todas as sociedades com escrita. Seria o caso de manter uma Arqueologia Histórica específica e, neste caso, qual sua especificidade diante da Arqueologia pré-histórica? Ainda que o contato com os estudos da cultura material de sociedades sem escrita seja importante, em termos do estudo da cultura material em seus aspectos mais amplos, parece-nos que se devem reconhecer as particularidades metodológicas do estudo de sociedades com escrita e com documentos, examinando os papéis históricos e singulares que a escrita possui na comunicação, representação e na própria construção discursiva da disciplina Arqueologia. A presença de documentos caracteriza e define as sociedades em que diferentes sistemas de escrita são utilizados.

Em seguida e talvez ainda mais importante, a História como narrativa escrita sobre o passado, a *Historie* dos alemães, o gênero literário histórico, assim como as decorrentes tendências historiográficas, acabam por fornecer os quadros discursivos sobre o passado e que conformam, de uma ou outra maneira, a própria definição do contexto histórico usado pelo arqueólogo no estudo das sociedades históricas. Conceitos como Arqueologia romana ou colonial assumem periodizações e definições derivadas da tradição historiográfica e só nesse contexto adquirem sentido. A Arqueologia, contudo, pode transcender os quadros estritos da historiografia assentada nas fontes escritas, cujo viés de classe constitui sua própria essência e a cultura material pode tratar de temas simplesmente ausentes ou ignorados pela documentação, como no caso das grandes maiorias, da vida rural e do cotidiano. Os discursos verbal e artefactual entrecruzam-se, de diferentes modos, nas sociedades históricas e o desenvolvimento de técnicas para tratar de tais inter-relacionamentos permanece uma questão fundamental no seio da disciplina.

Entre as questões contemporâneas mais recorrentes na disciplina, devem mencionar-se os estudos sobre relações de poder, expressas na dominação e resistência, na desigualdade, em colonizadores e colonizados, dentre outros temas abordados na última década. O estudo da cultura material histórica permite, assim, conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas. De forma crescente, contata-se uma insatisfação com os modelos normativos de cultura, cujos pressupostos de homogeneidade social não parecem encontrar respaldo nem nos estudos da cultura material, nem na teoria social contemporânea. Neste contexto, o capitalismo mesmo não consegue uniformizar a cultura material e as mentes e conceitos derivados da noção de “aculturação” têm sido postos

em dúvida, pela homogeneidade que está a implicar. A europeização, primeiro, e a americanização, depois, do mundo, foram também chamadas de globalização, um conceito normativo e homogeneizador, e, por isso, passaram a ser vistas como apenas um lado da medalha, pois a diversidade social não se conforma a seus ditames. *A fortiori* passam a ser questionados os conceitos modernos, derivados do imperialismo, aplicado a sociedades do passado assimiladas discursivamente ao Ocidente, como no caso da “romanização” ou da “helenização”.

De forma cada vez mais acentuada, portanto, tem-se estudado o próprio campo discursivo da disciplina e da formação de conceitos modernos que moldam, de maneira invisível, os discursos possíveis. Multiplicam-se os estudos sobre a invenção de quadros interpretativos, com ênfase na História das Arqueologias, como procedimento heurístico indispensável para a crítica das práticas discursivas, no interior da disciplina. Um exemplo merece ser citado, por paradigmático: a Arqueologia da Mesopotâmia, também conhecida como Assiriologia. O Oriente, surgido como invenção contraposta ao Ocidente, fundou uma Arqueologia em busca da “civilização”, passada como uma tocha para gregos, romanos e, ao final, para os modernos imperialistas. O caráter imperialista, militar mesmo, dessa Arqueologia imprimiu feições à disciplina que, para serem desconstruídos, exigem uma exegese da própria ciência. Da mesma forma e pelos mesmos motivos, todas as Arqueologias Históricas só adquirem pleno sentido a partir desse olhar histórico disciplinar.

No início deste artigo, ressaltei que se tratava de colocar a Arqueologia Histórica em um contexto mundial e este é o último, essencial, aspecto a discutir. Por muito tempo, as tradições disciplinares levaram ao isolamento das Arqueologias Históricas e esse ensimesmamento em muito contribuiu para as dificuldades enfrentadas pelos estudiosos, em particular de contextos periféricos como na América do Sul, mas não só aí.

A Arqueologia Bíblica, por exemplo, um projeto tão claramente ideológico, tão comprometido com o ideário conservador religioso, manteve-se como um campo científico, em grande parte, devido a seu isolamento do restante da Arqueologia. Nos últimos anos, contudo, os contatos entre os estudiosos de diferentes países e horizontes culturais mostraram a importância do diálogo com a ciência mundial, com outros pontos de vista, com a diversidade.

Uma Arqueologia mundial significa uma variedade de interesses e sujeitos em confronto, com a introdução de agentes sociais, como as mulheres e os grupos étnicos e sociais, de diferentes ideologias, de uma

heterogeneidade que está no presente e leva à busca dessa mesma diversidade no passado. Em última instância, essa, talvez, a maior mensagem das pesquisas, em termos mundiais, na Arqueologia Histórica, pois a pluralidade e a conseqüente convivência da variedade passou a constituir aspecto central da disciplina, em um mundo também ele caracterizado pelas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. 1998 **Cultura Material e Arqueologia Histórica**, organizado por P.P.A. Funari. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, coleção "Idéias" 1, 317 pp, ISBN 85-86572-04-7.
2. 1999 P.P. A. Funari, M. Hall & S. Jones, **Historical Archaeology, Back from the edge**, Londres, Routledge, 1999, 350pp, ISBN0-415-11787-9.
1. 1993 Memória Histórica e cultura material, **Revista Brasileira de História**, 13, 25/26, (set.92/ago.93), 17-31.
2. 1994 South American Historical Archaeology, **Historical Archaeology in Latin America**, 3, 1-14.
3. 1994 La cultura material y la arqueología en el estudio de la cultura africana en las Américas, **América Negra**, Bogotá, 8, 33-47.
4. 1994 Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil, in Peter G. Stone & Brian L. Molineaux (ed), **The Presented Past, Heritage, museums and education**. Londres, Routledge, 120-136.
5. 1994 Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação, **Revista de História da Arte e Arqueologia**, 1, 23-41.
6. 1994 Brazilian Archaeology: overview and reassessment, **Revista de História da Arte e Arqueologia**, 281-290.
7. 1995 A hermenêutica das ciências humanas: a História e a teoria e práxis arqueológicas, **Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, 10, 3-9.
8. 1995 Arqueologia de Palmares, **Carta**, Brasília, Senado Federal, 7, 62-63.
9. 1995 The Archaeology of Palmares and its Contribution to the Understanding of the History of African-American Culture. **Historical Archaeology in Latin America**, 7, 1-41.
10. 1995 A cultura material e a construção da mitologia bandeirante: problemas da identidade nacional brasileira, **Idéias**, 2,1, 29-48.

11. 1995 Memória histórica e cultura material, **Revista de Ciências Históricas**, Porto, 10, 327-339.
12. 1996 A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia, **Idéias**, São Paulo, FDE, 27, 37-42.
13. 1996 Resenha de Andrés Zarankin, “Arqueologia Histórica Urbana en Santa fe la Vieja”, **Varia Historia**, Belo Horizonte (UFMG), 15, 199.
14. 1996 Archaeological Theory in Brazil: Ethnicity and Politics at Stake, **Historical Archaeology in Latin America**, 12, February, 1-13.
15. 1996 A Arqueologia e a cultura africana nas Américas, in Francisca L. Nogueira de Azevedo & John Manuel Monteiro (coords.), **Raízes da América Latina**, São Paulo, Expressão e Cultura/Edusp, 535-546.
16. 1996 Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga, in Lilia Moritz Schwarcz & Leticia Vidor de Sousa Reis (orgs.), **Negras Imagens**, Edusp/Estação Ciência, 139-151;228-230.
17. 1996 A Arqueologia de Palmares e sua contribuição para o conhecimento da História da cultura afro-americana, in João José Reis & Flávio dos Santos Gomes (orgs.), **Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 26-51.
18. 1996 Historical Archaeology in Brazil, Uruguay and Argentina, **World Archaeological Bulletin**, 7, 51-62.
19. 1996 Resenha de Zarankin, A., Arqueología urbana en Santa Fe la Vieja: el final del principio, **História**, São Paulo, 15, 309-310.
20. 1997 El mito bandeirante: elite brasileira , cultura material e identidade, **Boletín de Antropología Americana**, 24, diciembre de 1991 (publicado em 1997, 110-122).
21. 1997 European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history, **Journal of European Archaeology**, 5, 2: 137-148.
22. 1997 Archaeology, History, and Historical Archaeology in South América, **International Journal of Historical Archaeology**, 1,3: 189-206.
23. 1997 Resenha de Matthew Johnson, An Archaeology of Capitalism, Oxford, Blackwell, 1996, **Revista da SBPH**, 13, 101-103.
24. 1997 Contribuições da Arqueologia para a interpretação do quilombo de Palmares, **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Rio de Janeiro, 22 a 26 de setembro de 1997.
25. 1998 A Arqueologia de Palmares. Sua contribuição para o conhecimento da História da cultura afro-americana, **Studia Africana**, Barcelona, 9, 175-188.

26. 1998 Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano, in P.P.A. Funari (org.), **Cultura Material e Arqueologia Histórica**, Campinas, IFCH-UNICAMP, 7-34.
27. 1999 P.P.A. Funari, S. Jones & M. Hall, Preface, in P.P.A. Funari, M. Hall & S. Jones (eds.), **Historical Archaeology, Back from the edge**, Londres, Routledge, xix-xx.
28. 1999 P.P.A. Funari, S. Jones & M. Hall, Introduction: archaeology in history, in P.P.A. Funari, M. Hall & S. Jones (eds), **Historical Archaeology, Back from the edge**, Londres, Routledge, 1-20.
29. 1999 Historical archaeology from a world perspective, in P.P.A. Funari, M. Hall & S. Jones (eds), **Historical Archaeology, Back from the edge**, Londres, Routledge, 37-66.
30. 1999 Maroon, race and gender: Palmares material culture and social relations in a runaway settlement, In P.P.A. Funari, M. Hall & S. Jones (eds), **Historical Archaeology, Back from the edge**, Londres, Routledge, 308-327.
31. 1999 Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da História da colonização da América do Sul, **Tempos Históricos**, Cascavel, 1, 11-44.
32. 1999 Lingüística e Arqueologia, **DELTA (Revista de Estudos de Lingüística Teórica e Aplicada)**, 15, 1, 161-176.
33. 1999 Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del Cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII, in A. Zarankin & F.A. Acuto (eds), **Sed non satiata, Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea**, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 77-96.
34. 1999 Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del Cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII, in A. Zarankin & F.A. Acuto (eds), **Sed non satiata, Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea**, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 77-96.
35. 1999 Brazilian archaeology, a reappraisal, in G. Politis & Benjamin Alberti (eds), **Archaeology in Latin America**, London & New York, Routledge, 17-37.
36. 2000 Achaeology, education and Brazilian identity, **Antiquity**, 74: 182-5.
37. 2000 Review of "Race and affluence: na archaeology of African-American and consumer culture", by Paul R. Mullins, **Historical Archaeology** 34(2), 2000, 111-112.
38. Contribuições da Arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares, **Fronteiras, Revista de História**, UFMS, 3(6), 1999, 79-90 (publicado em 2001).

